

Irã: a rebelião contra o hijab

Os acontecimentos das últimas semanas no Irão, onde mulheres de todas as idades removeram os seus lenços de cabeça (hijab) em locais públicos, fizeram-me lembrar o maravilhoso livro de Orhan Pamuk, *The Snow*.

A história, escrita em 2002 – muito antes de Recep Tayyip Erdogan chegar ao poder – trata das tensões políticas e culturais sobre o hijab na cidade de Kars, no leste da Turquia: houve uma onda de suicídios de adolescentes, decididas a carregá-lo apesar da proibição estatal. O narrador Ka, um ateu, tenta compreender a história a partir de vários pontos de vista: um antigo comunista, um leigo, um nacionalista fascista, um possível extremista islâmico, moderados islâmicos, um jovem curdo, membros das forças armadas, serviços secretos e polícia – e, em particular, um ator-revolucionário.

No Irã, acontece o contrário: as mulheres estão dispostas a ser detidas por se recusarem a usar o hijab, o que torna a história muito mais complexa do que a apresentada pelos monárquicos iranianos e pelo seu principal protetor – o misógino Donald Trump -, bem como pelos seus apoiantes não tão inteligentes da direita e da esquerda iranianas.

O *New York Times* nos diz: “Estes ousados atos de desafio contra o hijab são sem precedentes nos quase 40 anos de história da República Islâmica, mas o movimento que os pode ter inspirado tem estado inativo há anos. Começou em um relato na mídia de um jornalista iraniano baseado em Brooklyn, chamado Masih Alinejad, em 2014”. (1)

Não é inteiramente verdade. Embora a Sra. Alinejad fosse uma apoiadora paga da “mudança de regime” impulsionada pelos EUA,

e não devemos nos surpreender com a importância atribuída a ela pela mídia dos EUA (seja pró-democracia, republicana ou mesmo pró-Trump), ela tem sido uma reformadora que, nos primeiros anos do exílio, usou um chapéu que cobria completamente seus cabelos em todas as suas aparições na TV. E fora do Irã, então ela não era exatamente uma defensora dos direitos das mulheres!

A verdade é que a luta pelo direito de se vestir ou não de uma forma particular começou em Março de 1979, quando Khomeini impôs o sequestro às mulheres iranianas e quando dezenas de milhares de mulheres, com o apoio da esquerda radical, se manifestaram militantemente contra ele.

É verdade que o hijab não é a principal questão que preocupa as mulheres da classe trabalhadora no Irã e compreendo a relutância de alguns setores da esquerda iraniana em dar prioridade a esta luta. No entanto, há outro aspecto desta história: a imposição do hijab fez parte de uma série de medidas legais e semi-legais que privaram as mulheres do direito ao trabalho, impedindo-as de ocupar cargos específicos, como no judiciário, considerados além das capacidades das mulheres. A este respeito, opor-se ao sequestro obrigatório do regime islâmico, como fazem as mulheres iranianas, é uma luta justa e progressista e não importa se alguns dos envolvidos neste movimento são personagens desagradáveis. No entanto, ao apoiar as suas lutas, temos de expor a hipocrisia dos seus apoiantes imperialistas no Ocidente.

O New York Times afirma corretamente: “O fundador da dinastia Pahlavi, Reza Shah, proibiu o hijab, num gesto de modernização, em 1936, o que efetivamente significou a prisão domiciliar por anos de algumas mulheres, já que elas não podiam suportar a idéia de estar com os cabelos no ar em público. O líder da República Islâmica, Ayatollah Khomeini, tornou o hijab obrigatório em 1979”.

Embora os padrões de Khomeini fossem deploráveis, a NYT não lembra aos seus leitores que o próprio Xá apoiou Hitler e foi deposto pelos Aliados em 1941 (enviado para o exílio por simpatias nazistas!). Aqui reside a semelhança com o nacionalista turco, Kemal Atatürk, na história de Orhan Pamuk! Escreve em *The Snow*: “A verdadeira questão é quanto sofrimento causamos às nossas mulheres ao fazer do lenço um símbolo – e ao usar as mulheres como peões num jogo político”.

Desafio

Tanto Atatürk como Reza Shah sabiam que a revolução bolchevique tinha desafiado profundamente as opiniões conservadoras sobre os direitos das mulheres. Preocupados com a ameaça, os reacionários consideraram necessário adotar alguns aspectos superficiais dos direitos das mulheres. Mas a imposição brutal da proibição do hijab em 1938 criou grande ressentimento entre mulheres e homens muçulmanos, assim como qualquer tentativa de fazer o mesmo agora ou no futuro criaria enormes problemas.

Não devemos esquecer que entre 1938 e 1979 as mulheres de classe média e alta desprezavam as mulheres trabalhadoras e camponesas que usavam o hijab ou chador (o véu cheio no chão) e o termo “chadori” é usado como um insulto de classe. Refiro-me à experiência de meus próprios parentes próximos, cuja visão reacionária e classista das mulheres veladas eu simpatizo com aqueles que não queriam tirar seus lenços de cabeça. Ao contrário do bandido Reza Shah, cuja polícia arrancava os hijabs da cabeça das mulheres, ou do seu filho misógino e incompetente, que escarneceu abertamente da luta das mulheres pela igualdade, temos de respeitar os desejos das mulheres iranianas, turcas ou árabes que optam por usar o hijab.

Da mesma forma, porém, a ideia de que, no século XXI, um Estado religioso pode forçar gerações de mulheres a se cobrirem é um ultraje. Como em tudo o resto na república

xiita, tudo isto está imerso em hipocrisia. O mesmo clero que insiste na flagelação de jovens moças detidas por violarem em público as suas rigorosas regras de hijab, fecha os olhos ao fato de as suas próprias mulheres ou filhas retirarem rapidamente os lenços assim que o seu avião descola do aeroporto de Teerão. É tempo de dizer não a esta hipocrisia. É hora de dizer não à atual situação esquizofrênica vivida pelas mulheres de todas as classes, que se vestem de uma maneira completamente diferente em casa e de uma maneira completamente diferente em público.

É por isso que apoiamos incondicionalmente as mulheres corajosas que, nas últimas semanas, tiraram publicamente os seus lenços de pescoço e que devemos fazer nossa a sua luta contra a República Islâmica do Irã. Só assim poderemos denunciar os falsos defensores dos direitos das mulheres no Oriente Médio.

Infelizmente, muitas jovens mulheres iranianas acreditam na ilusão de que as mulheres ocidentais alcançaram a igualdade porque não são obrigadas a cobrir o cabelo. Notícias recentes, como os escândalos da indústria cinematográfica, a história de Harvey Weinstein, a forma como os empresários em Londres consideram apropriado entreter os seus clientes empresariais no jantar do clube do presidente num hotel de Dorchester com acompanhantes pagos, o fato de as mulheres continuarem a lutar pela igualdade de remuneração no trabalho – tudo isto são exemplos da desigualdade, para não dizer misoginia, que ainda existe no Ocidente. E, em vez de simplesmente apoiar os manifestantes anti-hijab no Irã, é também nossa responsabilidade denunciar a versão neoliberal, corporativa, do feminismo tal como é.

A maioria das feministas tem se concentrado nas perspectivas de carreira das mulheres profissionais sem considerar questões importantes como a mercantilização capitalista dos corpos das mulheres. Naturalmente, há exceções – mulheres marxistas, principalmente nos Estados Unidos, que analisaram como gênero,

identidade e cultura afetam a política de classes. Mas o discurso feminista dominante é usado pelo capitalismo neoliberal para intensificar a exploração da classe trabalhadora numa economia globalizada. Ensaístas como Hester Eisenstein e Johanna Brenner argumentam que a versão hegemônica propagada pelas feministas neoliberais se tornou parte integrante do que é considerado senso comum da época.

É verdade que a discriminação aberta é desaprovada na maioria dos países, mas as mulheres no Irã e noutros locais devem ser constantemente recordadas de que, embora estas e outras atitudes tenham permitido às mulheres da classe média e alta um acesso sem precedentes às esferas política, económica e social, o seu efeito na vida cotidiana das mulheres da classe trabalhadora tem sido mais problemático – na verdade, frequentemente, negativo.

Não é necessário ser economista para saber que são as mulheres que pagam os principais custos da desregulamentação neoliberal no local de trabalho e que suportaram o peso das duras medidas tomadas para fazer face à recessão. O feminismo neoliberal também ignora uma forma generalizada de violência contra as mulheres: o sofrimento causado pela pressão que sofrem para serem atraentes para os homens. Naomi Wolf, na introdução ao seu livro, *O Mito da Beleza*, escreve:

“Quanto mais barreiras materiais e legais romperam as mulheres, de uma maneira mais cruel, estrita e obsessiva lhes é imposta uma imagem de beleza feminina... Durante a última década, as mulheres romperam as estruturas de poder; mas ao mesmo tempo aumentaram exponencialmente os transtornos alimentares e a cirurgia estética se converteu na especialidade de mais rápido crescimento”. (2)

A cirurgia plástica tornou-se parte da vida de muitas mulheres jovens. Em 2012, um total de 43.172 procedimentos cirúrgicos foram realizados de acordo com a British Association of Plastic Surgeons. O feminismo neoliberal não tem nada a dizer

sobre isso – de fato, algumas dessas feministas nos dizem que as mulheres têm o direito de usar esse tipo de procedimentos drásticos para melhorar a aparência, mas nós, marxistas, devemos denunciar a falácia do “mito da beleza” que causa tantas vítimas entre as mulheres todos os anos.

Apoiar as mulheres iranianas sem mencionar tudo isto só serve para alimentar ilusões sobre o feminismo “neoliberal” ocidental.

Notas:

1.

www.nytimes.com/2018/02/03/opinion/sunday/iran-hijab-women-scarves.html

2. N Lobo The beauty myth, Londres, 1990.

Original: [WEEKLY WORKER](#)